

## RELAÇÕES INTERPESSOAIS: MODALIDADE NO DISCURSO INSTITUCIONAL

### *INTERPERSONAL RELATIONS: MODALITY IN INSTITUTIONAL DISCOURSE*

Neiva M M Soares  
Doutora em Linguística  
Universidade de Brasília; Universidade do Estado do Amazonas  
([nemsoa@hotmail.com](mailto:nemsoa@hotmail.com))

Edna C M Silva  
Doutora em Linguística  
Universidade de Brasília  
([ednacris@gmail.com](mailto:ednacris@gmail.com))

**RESUMO:** As diferentes trocas linguísticas nos textos variam de acordo com as intenções comunicativas e os efeitos que desejamos acionar. Este artigo, orientado pelos construtos teóricos da Gramática Sistemico-Funcional hallidayana, tem como objetivo discutir as relações interpessoais construídas pelos tipos de modalidade (modalização e modulação) empregadas em cartilhas institucionais. Com a análise, será possível verificar como se articulam tais relações a partir do diálogo estabelecido entre os participantes, quer seja na proposição, troca de informações, quer seja na proposta, troca de bens e serviços. O *corpus* constitui-se dos cadernos do Ministério do Meio Ambiente (MMA), com o título *Consumismo infantil: na contramão da sustentabilidade* (2012), analisados conforme as escalas que perfazem Sistema de Modalidade, de acordo com o que postula a Linguística Sistemico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Buscou-se compreender como, nas relações institucionais, constituem-se os papéis fundamentais da fala e os valores trocados. As análises demonstram que as relações interpessoais são estabelecidas por modulação, com graus de obrigatoriedade e de inclinação. Embora o discurso crie uma expectativa para troca de informações, encontramos a incidência de um número maior de propostas, no nível da assertividade, revelando que tais cartilhas apresentam caráter normatizador em relação ao procedimento dos cidadãos.

**Palavras-chave:** Cartilhas Institucionais. Sistema de Modalidades. Modulação.

**ABSTRACT:** The different linguistic exchanges in the texts vary according to the communicative intentions and effects one wants to provide. This article, guided by theoretical constructs of Systemic Functional Grammar, aims to discuss interpersonal relationships built by the modality types (modalization and modulation) used in institutional booklets. With the analysis, it will be possible to see how to articulate such relations from the dialogue established between the participants in the propositions, information exchange, or in the proposals, exchange of goods and services. The corpus is constituted of books of the Ministry of Environment, entitled *Consumismo infantil: na contramão da sustentabilidade* (2012), analyzed on the light of the scales that make up Modality System, according to the postulates of the Systemic Functional Linguistics (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY and MATTHIESSEN, 2004). The significance of this paper lies on the importance to understand how, in institutional relations, both the fundamental roles of speech about the exchanged values are constituted. Further analysis revealed that interpersonal relationships are established by modulation, with degrees of obligation and inclination. Although the discourse brings an exchange of information, the incidence of a greater number of proposals at the level of assertiveness reveals that these booklets have normative features in relation to the citizens' procedures.

**Keywords:** Institutional booklets; Modality System; Modulation

## Introdução

A língua como um sistema semiótico e social engloba uma percepção funcional, pois a “empregamos para dar sentido à nossa experiência e para realizar nossas interações com outras pessoas” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 24)<sup>1</sup>, em diferentes contextos socioculturais. Nessa concepção, é possível compreender a atividade social que está sendo efetivada, estabelecer relações interpessoais e organizar como mensagem as informações textuais. Os textos simultaneamente representam a experiência nos eventos comunicativos, expressam a interação entre os participantes e organizam as informações trocadas entre os participantes.

Na visão funcionalista, Halliday (1994) sustenta que a linguagem cumpre funções nos contextos em que atua e deve ser interpretada em relação aos contextos de situação e de cultura. Para entendermos contexto de situação, podemos perguntar: que atividade está acontecendo? (campo); quem está participando? (relações); como está ocorrendo esta troca? (modo). Essas variáveis se inter-relacionam para que possamos entender a informação em sua plenitude. Cada uma delas conecta-se a uma metafunção: ideacional (compreender o campo), interpessoal (estabelecer relações) e textual (organizar as informações) (Quadro 1).

O objetivo deste trabalho é analisar como se constroem as relações interpessoais por meio do Sistema de Modalidade. O *corpus* constitui-se da cartilha institucional produzida pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA), cujo tema é o Consumismo infantil: na contramão da sustentabilidade. A teoria e a metodologia estão apoiadas, principalmente, nos pressupostos sistêmico-funcionais de Halliday, 1994; Halliday e Matthiessen, 2004; ainda em Thompson 2004; Eggins, 2004. Para análise do Sistema de Tipos de Modalidades, utilizamos as escalas de probabilidade e usabilidade, que são chamadas **modalização**; e as de obrigação e inclinação denominadas **modulação**, propostas por Halliday 1994; Halliday e Matthiessen, 2004.

O trabalho se justifica porque é importante entender como o governo envolve-se em questões direcionadas ao meio ambiente e também ao consumismo,

---

<sup>1</sup> A traduções das obras originais, cujos livros encontram-se em inglês, é das autoras.

dois assuntos tão em voga no contexto contemporâneo. Esses temas são recorrentes em pesquisas na área ambiental e também em perspectivas interdisciplinares (SOARES, 2013). O texto a ser analisado estabelece uma ligação entre o excesso de consumo, a questão ambiental e a sustentabilidade, a qual está ligada a três eixos fundamentais: social, econômico e ambiental. No Dicionário de Termos Ambientais (LEAL, 2007, p. 160), o termo '**sustentabilidade**' refere-se ao uso dos recursos renováveis de forma qualitativa adequada e em quantidade compatível com a capacidade de renovação, em soluções economicamente viáveis de suprimento das necessidades, além de relações sociais que permitam qualidade adequada de vida para todos.

Por meio das relações interpessoais os participantes constroem sentido através das funções da fala que se concretizam nos textos pela troca de informações (proposição) ou de bens e serviços (proposta). Analisamos aqui os tipos de modalidade que desvelam as relações estabelecidas entre o MMA, seus representantes e os diversos participantes que são chamados a contribuir para que se atinja o objetivo da cartilha. Nas próximas seções, apresentamos, conforme a Linguística Sistêmico-Funcional, o quadro teórico, a metodologia da pesquisa, as análises e a discussão dos resultados.

### **A linguagem e o contexto de situação**

Na concepção hallidayana, a linguagem opera em contextos nos quais os falantes fazem suas escolhas linguísticas materializadas em textos. É por meio dessas materialidades que se analisa como os significados foram construídos, pois há uma relação bidirecional entre texto e contexto. Sendo funcionalista<sup>2</sup>, a abordagem Sistêmico-Funcional propõe que o contexto de situação é o ambiente de funcionamento do texto (Quadro 1).

---

<sup>2</sup> Para Neves (1997), qualquer abordagem funcionalista de uma língua natural tem como objetivo a verificação de funciona a comunicação, ou seja, como os usuários de comunicam efetivamente. O foco está na competência comunicativa. Existem correntes funcionalistas europeias, como a Escola de Praga, com Trubetzkoy e Jakobson que se destacaram nos estudos fonológicos russos. Nosso trabalho, no entanto, centra-se na Escola Inglesa, nas pesquisas de Halliday, que começaram a se desenvolver nos anos setenta, cujo foco localiza-se na relação entre língua, cultura e contexto social. A teoria funcionalista difundiu-se pelo mundo, Ásia, América do Norte e do Sul, em inúmeras universidades, como é o caso das brasileiras.

VARIÁVEIS	DEFINIÇÃO	TRAÇOS
CAMPO DO DISCURSO <b>Metafunção ideacional</b>	Tipo de atividade social	-Ação social -Objetivo -Assunto
RELAÇÕES DO DISCURSO <b>Metafunção interpessoal</b>	Relações sociais que acontecem na atividade social	-Participantes, papéis, relações sociais, graus de envolvimento
MODOS DO DISCURSO <b>Metafunção ideacional</b>	Papel da língua nas atividades e nas relações sociais	-Papel da língua na atividade social -Canal -Modo -Meio (oral, escrito, visual)

#### Quadro 1- Contexto de Situação

Fonte: Produção das autoras com base em Halliday (1994).

Embora todo texto combine simultaneamente os significados das metafunções ideacional, interpessoal e textual, o foco deste estudo são os significados construídos através da metafunção interpessoal por meio do sistema de modalidade. Nas relações interpessoais, podem ser analisadas as tentativas de aproximação ou de afastamento do produtor de um texto com relação ao seu leitor. Ressaltamos que a metafunção ideacional e a textual também completam a análise, porque como já dissemos o contexto é multifuncional.

#### Metafunção interpessoal - oração como troca - sistema da modalidade

A linguagem medeia a interação das pessoas no meio social, pois podemos negociar relações e expressar opiniões e atitudes, produzindo significados nos, pelos e com os textos (HALLIDAY, 1994). No evento interativo, falante ou escritor e audiência adotam um papel de fala específico que sinaliza para o ouvinte um papel complementar. Nas funções de fala, os papéis estabelecidos são os de **fornecer** e de **demandar** informações ou bens e serviços. Logo, o falante está dando alguma coisa ao ouvinte (fornecendo informação) ou está demandando algo dele (solicitando informação). Na referida teoria, **fornecer** significa ‘convidar a receber’ e **demandar** significa ‘convidar a fornecer’. O próprio falante não somente faz alguma coisa, mas também requer algo (HALLIDAY, 1994, p.68-9) (Quadro 2).

PAPEL DA TROCA	VALOR TROCADO	
	INFORMAÇÕES (PROPOSIÇÃO)	BENS E SERVIÇOS (PROPOSTA)
FORNECER - DAR	Declaração Ele deu-me um convite.	Oferta Você quer um convite?
DEMANDAR - SOLICITAR	Pergunta O que ele lhe deu?	Comando Dê-me um presente!

#### Quadro 2- Oração como troca – papéis e valores

Fonte: Halliday (1994) com adaptações.

As informações ou bens e serviços trocados entre os participantes podem ocorrer no polo afirmativo (Sim. Aceito) ou negativo (Não. Discordo). Quando essas trocas estão em níveis intermediários, temos as modalidades.

#### Tipos de modalidades

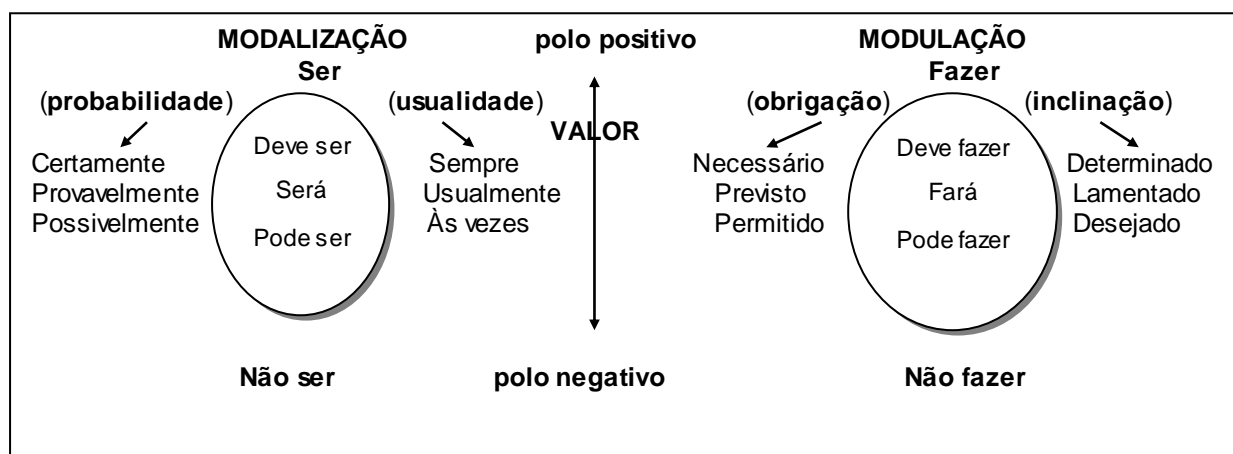
Nas funções da fala apresentadas, ao dar ou demandar informações ou bens e serviços, nem sempre o falante afirma ou nega o que diz, pois pode lançar mão de escalas intermediárias, que muitas vezes se associam aos verbos **dever** e **poder**. Na corrente hallidayana, esses graus intermediários das escolhas interacionais entre as polaridades sim e não (HALLIDAY, 1994, p. 89) se definem como modalidade (Quadro 3).

Ele é consumista. (Afirmação)	Ele não é consumista. (Negação)
Ele <b>pode</b> se tornar consumista. (Modalização)	Você <b>deve</b> consumir! (Modulação)

#### Quadro 3. Exemplificação de modalidades

É importante ressaltar que a modalidade não se restringe aos verbos citados nos exemplos acima, principalmente porque não há um ponto convergente a respeito do tema. Seguindo as orientações de Halliday, Thompson (2004, p.68) considera que os estágios semânticos entre o sim e o não são expressos pela modalidade que está relacionada à atitude do falante. Na maioria dos casos, o operador modal expressa a atitude do falante no momento da fala e pode indicar a sua opinião. Em linha similar de pensamento, Neves (2013) afirma que as modalidades e o tipo frasal são usados na interação verbal para exprimir o ponto de

vista do enunciador. Na abordagem funcionalista, como já mencionado, a **proposição** é algo sobre o que se pode argumentar, seja negando, afirmando, duvidando; e a **proposta** ocorre quando a oração não pode ser negada ou afirmada (FUZER; CABRAL, 2014, p.105). Para Halliday (1994), nas proposições, há graus de probabilidade, e essas escalas de probabilidade e usualidade são denominadas **modalização** (Figura 1). Nas propostas, o significado do polo positivo ou negativo é prescrito (Faça isso! Não faça isso!). As possibilidades intermediárias dependem da oferta ou do comando. O comando representa graus de obrigação; a oferta, graus de inclinação (quer fazer, deseja fazer, decide fazer). As escalas de obrigação e inclinação são denominadas **modulação**. Na modulação, o grau de pressão é baixo, abrindo a possibilidade para a outra pessoa executar a ação, mas deixando a decisão para ela (HALLIDAY, 1994, p. 69). As duas escalas estão retratadas na Figura 1.



**Figura 1: Configuração do Sistema de Modalidades**

Fonte: Rebelo (1999, p.51), com base em Halliday, 1994, p. 357.

A escala do valor se refere ao julgamento que está sendo emitido que pode ser alto, médio ou baixo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.618- 620). O mais alto aproxima-se do polo positivo e o mais baixo do negativo. O valor possibilita ao leitor avaliar as opiniões emitidas pelo autor. Quando um tipo de marcador de modalidade se aproxima mais do polo positivo, por um lado, pode-se imaginar que o

<sup>3</sup> Na Gramática Funcional, Halliday afirma que “na semântica filosófica, a probabilidade é denominada modalidade epistêmica e a obrigação como modalidade deontica” (1994, p. 357) (Tradução Nossa). Essa denominação, por vezes, oscila entre os autores da teoria funcional (ver CABRAL; FUZER, 2014, p.116), mas optamos por Modalização e Modulação, empregadas em Halliday e Matthiessen (2004, p.619).

grau de envolvimento é maior; por outro, quando se aproxima do negativo, a opinião emitida pode estar sendo disfarçada. Pelo apresentado, as modalidades estão associadas à maior ou à menor certeza que o escritor manifesta sobre o conteúdo proposicional, determinando, assim, maior ou menor grau de assertividade de uma proposição. No mesmo campo de teorização, Eggins (2004, p. 172) afirma que a modalidade é uma área complexa da gramática e tem relação com os significados de como o usuário introduz a sua mensagem, expressando atitudes e julgamentos de diferentes tipos. Com relação ao impacto das modalidades no discurso, Halliday e Matthiessen (2004), asseveram que elas se relacionam aos diferentes significados e podem esclarecer o que se encontra subjacente na linguagem humana.

Na sequência, passamos a abordar esses dois tipos de modalidades propostos por Halliday (1994), Halliday e Matthiessen (2004): modalização e modulação.

### **Modalização**

A modalidade pode expressar probabilidade ou frequência nas proposições (troca de informações), denominando-se modalização ou modalidade epistêmica (EGGINS, 2004). Refere-se à categoria semântica das proposições em que o que se troca são informações no eixo do conhecimento. A modalização é do tipo indicativo, revelada por meio de graus que variam entre a probabilidade e a usualidade. O grau da probabilidade manifesta-se por meio de advérbios como ‘certamente’, ‘provavelmente’ e ‘possivelmente’. O grau da usualidade é dado por expressões como ‘frequentemente’, ‘usualmente’ e ‘algumas vezes’ (HALLIDAY, 1994, p.356-7). Também temos os verbos modais (poder, dever); grupos adverbiais (‘sem dúvida’, ‘às vezes’); expressões modalizadoras (‘é provável’, ‘é certo’, ‘é possível’). Na modalização, as possibilidades não estão limitadas à polaridade do sim ou não, mas há um grau intermediário entre os polos positivo e negativo. Com isso, escritor não impõe explicitamente sua opinião. Pode tratar-se de uma manobra discursiva, pela qual aquele que escreve tenta mostrar que não está infligindo ao seu interlocutor a aceitação dos argumentos apresentados (KOCH,1993, p.88). No caso das cartilhas, sabemos que há um conjunto de interesses envolvidos que determina o que será dito e de que maneira deve ser visto.

### Exemplo da análise -1

Como você **pode** falar com crianças sobre consumo? (Sugestão modalizada)

Nesse caso, o Ministério do Meio Ambiente (MMA) coloca-se como aquele que tem conhecimento necessário e pode disponibilizá-lo para ajudar no trato com as crianças. Está fornecendo informação (conhecimento do assunto) e ao mesmo tempo demandando uma ação. Essa ação não é requerida de forma enfática, mas está presente na proposição por meio do verbo que modaliza a informação (**pode** falar).

### Modulação

Conforme proposto por Halliday (1994, p.88-9), essa modalidade do tipo imperativo, manifesta-se através de comandos, ofertas e sugestões do falante ou escritor para estabelecer relações com o interlocutor. Refere-se à categoria semântica das propostas em que se trocam bens e serviços. Para Eggins (2004), essa modalidade pode expressar obrigação ou inclinação nas propostas, denominando-se modulação ou modalidade deôntica. O produtor do texto salienta aquilo em que ele acredita ou gostaria que o seu leitor acreditasse, manifestando-se de forma enfática, pois tenta assegurar a veracidade do seu texto. A modulação manifesta-se por meio de graus que variam entre a obrigação e inclinação. O grau da obrigação é demonstrado por meio de expressões como 'necessário', 'aceitável' e 'permitido'; o da inclinação, por 'determinado', 'desejoso' e 'inclinado' (HALLIDAY, 1994, p.356-7). Também podem aparecer os verbos modais (dever, deveria) e expressões como 'é necessário', 'é preciso', 'é evidente', 'é permitido'. Koch (2014) afirma que a modalidade indica o grau de imperatividade e facultatividade atribuído ao conteúdo proposicional.

### Exemplo análise- 2

Antes de serem apresentadas ao mundo do consumo, elas (crianças) também **devem** aprender valores essenciais à sobrevivência da humanidade, como a solidariedade, o senso de responsabilidade com o bem comum, o respeito ao outro e ao meio em que vivemos.



O exemplo, acima, encaixa-se no eixo da conduta, relaciona-se às obrigações que o MMA como produtor do texto visa deixar clara a forma de proceder a respeito das ações de consumo.

Seguindo as orientações teóricas apresentadas, analisamos as modalidades presentes em cartilhas institucionais como forma de examinar o posicionamento e a atitude do falante quanto ao que enuncia, bem como a reação/ação que deseja proporcionar, pois entendemos que a origem da modalidade no texto é o próprio falante que não deseja que seu texto se manifeste nos polos positivo ou negativo.

## **Metodologia**

Como já mencionado, teoria e metodologia são sustentadas, principalmente, nos pressupostos funcionais de Halliday, 1994; Halliday e Matthiessen, 2004; ainda em Thompson, 2004; Eggins, 2004. Para análise do Sistema de Modalidades, utilizamos a **modalização** e as suas escalas de probabilidade e usualidade, a **modulação** e as escalas de obrigação e inclinação.

O *corpus* compõe-se de textos extraídos de Cadernos de consumo sustentável – criança, do Ministério do Meio Ambiente (MMA), com o título: **Consumismo infantil- na contração da sustentabilidade**. Por se tratar de um texto institucional, tem a finalidade de disponibilizar informações acerca do consumismo e suas implicações para o meio ambiente a um público-alvo que são pais, professores e responsáveis. O material analisado compõe-se de nove páginas, que não podemos considerá-las plenamente multimodais porque a maior parte se constitui apenas de texto verbal. Outros modos semióticos, quando empregados, como na capa (Figura 2), não retratam a complexidade do tema e a sua abrangência. Os textos, denominados no site do MMA como cadernos, fazem parte de uma série elaborados em parceria com o Instituto Alana. Quando feito o primeiro levantamento (2012, 2013), apresentavam rasuras que podiam sinalizar uma provável revisão. Atualmente, no site do mesmo Ministério, é possível encontrar um outro material sobre sustentabilidade, mas com abordagem mais completa, com textos em diferentes temáticas (cidadania, por exemplo), inclusive com um apelo visual bem mais consistente. Em contato com O Ministério de Educação e Cultura (MEC) à época da publicação do material no site no Ministério do Meio Ambiente

(MMA), não souberam informar em que escolas estava sendo divulgado, com que propósito e quando seria feito.



**Figura 2- Caderno de consumo sustentável**

Fonte: <<http://www.mma.gov.br/publicacoes/responsabilidade-socioambiental/producao-e-consumo-sustentaveis>>. Acesso em: 12/12/12<sup>4</sup>.

### Do texto ao gênero

Nos estudos de Halliday (1985, p.10-1), o texto é considerado como a linguagem que é funcional, ou seja, é empregada em algum contexto. Dessa forma, texto e contexto fazem parte de um mesmo processo, no qual o texto deve ser considerado a partir de duas perspectivas: como produto e como processo. Na perspectiva sociosemiótica de Halliday, o texto é visto como uma troca social de sentidos, na qual se destaca, como aspecto fundamental, o diálogo, a interação entre os participantes. Halliday e Hasan (1976) afirmam que texto é qualquer instância de linguagem, em qualquer meio, que faz sentido a alguém que conhece linguagem. Já Halliday e Matthiessen (2004, p.3) asseveram que “texto é rico e multifacetado fenômeno que ‘significa’ de diferentes maneiras e que pode ser explorado de distintos pontos de vista”.

Martin (2009, p. 10) afiança que, como parte do paradigma linguístico funcional, a teoria dos gêneros é desenvolvida como um esboço de como nós usamos a linguagem para viver, pois descreve as maneiras como mobilizamos a linguagem e todas as coisas que nós podemos fazer com ela, guiadas pelas escolhas de cada cultura. Assim, a teoria do gênero é uma teoria das fronteiras de

<sup>4</sup> O material atualmente está disponível em: <<http://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Consumismo-Infantil.pdf>>. Acesso em: maio de 2015.

nosso mundo social.

Na perspectiva funcional, além do contexto situacional (campo, relações e modo), há o contexto da cultura que se refere não só às práticas mais amplas associadas a diferentes países e grupos étnicos, mas também a práticas institucionalizadas em grupos sociais, como a escola, a família, a igreja, a justiça (CABRAL; FUZER, 2014, p.28-29). Dessa forma, o conceito de contexto de cultura realiza-se por meio dos gêneros, pois grupos de pessoas usam a linguagem com propósitos semelhantes e desenvolvem tipos comuns de textos que alcançam objetivos comuns, denominados de gêneros. Assim como nascem, pode se transformar e mudar e estão intimamente relacionados à cultura em que foram criados. Prova disso, revela-se no fato de que há gêneros semelhantes, mas também diversos em países diferentes.

Na Análise de Discurso Crítica, os gêneros estão associados às práticas sociais, visto que essas são também limitadas por convenções, mas relativamente sujeita a transformações (FAIRCLOUGH, 2006). São essas práticas sociais que possibilitam a variedade da língua devido às inúmeras atividades de interação. Pensar em gênero é entendê-lo não somente como forma, mas principalmente como tendo uma função pragmática nos inúmeros contextos em que os indivíduos interagem e necessitam da língua para viver e conviver. Existem inúmeras linhas teóricas que visam discutir a questão dos gêneros, embora a perspectiva aqui apresentada não seja, especificamente, aquela de base funcionalista, concebemos os gêneros não em termos de estrutura formal, mas quanto aos aspectos interacionais e funcionais. Os gêneros são ações sociodiscursivas, formas linguísticas de agir no mundo e sobre o mundo.

### **Cartilha Institucional**

Cartilha, como o nome sugere, relaciona-se ao fornecimento, de forma concisa e simples, de informações ou bens e serviços sobre certo tema. O gênero tem um caráter informativo, com orações muitas vezes breves. Em alguns casos, solicita informação, por meio de perguntas ou mesmo de comandos buscando obter reações ou ações em relação aos que se transmite. Vários órgãos, principalmente governamentais, criam cartilhas institucionais com a finalidade de instruir ou

aconselhar um público heterogêneo sobre assuntos considerados importantes para sociedade, constituindo-se muitas vezes em uma estratégia para atingir um grande número de pessoas. Para isso, é necessária uma configuração de gênero textual que seja simplificada e facilite a interação entre o tema e os participantes envolvidos.

Na interação, os dois principais propósitos de dar ou demandar informação ou bens e serviços ligam-se às funções semânticas de proposições e propostas, respectivamente (HALLIDAY, 1994), sendo nesses contextos linguísticos que se manifestam as modalidades. Partimos dessas premissas, para realizar a análise do gênero em questão, quanto à modalidade empregada e a interação almejada.

O foco da cartilha analisada é o da sustentabilidade, tema que passou a figurar como palavra obrigatória em muitos contextos. O conceito surgiu devido à inquietação com as questões ambientais e vem ocupando um lugar privilegiado em todas as atividades humanas. “À medida que as sociedades se tornaram mais sensíveis em relação a temas ambientais, há necessidade de assumir novos comportamentos em relação à temática verde” (DIAS, 2011, p. 72). É definida como o uso dos recursos renováveis de forma qualitativa adequada e em quantidades compatíveis com a capacidade de renovação, em soluções economicamente viáveis de suprimento das necessidades, além de relações sociais que permitam qualidade adequada de vida para todos (LEAL, 2007). Novas facetas e novos estilos discursivos determinam o tom que se traz hoje para o tema sustentabilidade, como é o caso do Caderno de consumo sustentável a ser analisado, a seguir. Na sequência, foram analisados excertos dos textos que constituem a cartilha.

---

## CADERNOS DE CONSUMO SUSTENTAVEL – CRIANÇA

### Consumismo infantil: - na contração da sustentabilidade.

---

#### Fragmento 1

#### O PODER TRANSFORMADOR DAS NOVAS GERAÇÕES

Garantir um futuro abundante àqueles que hoje são crianças não depende apenas da mudança de comportamento da atual geração, mas também de educar para o consumo. Esse é o caminho que **devemos** trilhar em busca do desenvolvimento sustentável.

No fragmento - **Esse é o caminho que devemos trilhar [...]**- o participante com o uso da primeira pessoa, insere-se no discurso e inclui o interlocutor também,

por meio do **nós** inclusivo. Para Fairclough (2004), essa aproximação escritor e leitor, denominada por ele de personalização sintética, compõe as novas ordens discursivas, em que as assimetrias de poder estão, cada vez mais, sendo suprimidas. Assim, no texto, o interlocutor visa estabelecer uma parceria: governo e sociedade (público e privado). Com o recurso da referenciação, sintetiza as informações com a expressão nominal metafórica ‘caminho que devemos trilhar’, conduzindo a uma ação proposta pelo órgão envolvido, ou seja, a da conduta em relação à educação para o consumo infantil. O emprego do verbo modal **dever** confere um tom imperativo ao texto, considerado, por isso, como um grau máximo de obrigação- necessidade.

### Fragmento 2

Antes de serem apresentadas ao mundo do consumo, elas (crianças) também **devem** aprender valores essenciais à sobrevivência da humanidade, como a solidariedade, o senso de responsabilidade com o bem comum, o respeito ao outro e ao meio em que vivemos.

Nesse caso, fica claro o eixo da conduta que o participante maior deseja que tanja as relações sociais. Cita valores essenciais, a solidariedade, a responsabilidade e o respeito que, na visão do MMA, devem vir antes do próprio ‘valor’ de consumir. Novamente, o grau de engajamento a partir do verbo **dever** imprime um grau máximo de obrigatoriedade ao discurso do Ministério em relação ao participante que recebe a informação.

### Fragmento 3

As crianças são a porta de entrada para um futuro mais sustentável. **Se** aprenderem a agir e a consumir com consciência, serão importantes transformadores sociais. **Mas as crianças estão sendo formadas para isso?**

Se x - (**aprender**), é possível que y- (**transformem**), nessa proposição o MMA condiciona o consumo consciente à possibilidade de transformação social. A proposição insere-se na escala da possibilidade, pois não se pode ter certeza quanto ao resultado da ação. Na proposição ‘**Mas as crianças estão sendo formadas para isso?**’, há um questionamento aos responsáveis sobre o tipo de formação das crianças. Perguntas e respostas são características do gênero cartilha. Há um diálogo aparente entre os participantes, em que apenas um

participante pergunta e ele mesmo responde. Nessa troca, a resposta parece que já é conhecida por todos em uma sociedade em que são tantos os problemas, esse seria mais um que se tem que administrar, desde o contexto escolar até o doméstico, considerando ainda que muitos adultos desconhecem o que seria um consumo consciente e sustentável. Caracteriza-se, portanto, como modalização. Se a linguagem é utilizada para negociar relações, no caso analisado, o governo almeja estabelecer um diálogo com os demais participantes, pois sabe que somente assim pode cumprir seu intuito. Como agente máximo, seu discurso não dissimula opiniões, atitudes e modos de proceder.

#### **Fragmento 4**

##### **Consumismo, na contramão da sustentabilidade**

Cada vez mais as crianças têm sido o alvo preferencial de apelos comerciais e ações de marketing, mesmo que ainda não estejam preparadas para lidar com as complexas relações de consumo. Mal sabem falar, mas já reconhecem marcas e logotipos. Nos primeiros passos, já são espectadores fiéis de programas televisivos e de seus personagens, depois amplamente reproduzidos em embalagens, materiais escolares, roupas, brinquedos, sapatos, produtos de higiene. A lista **pode** ser infinita.

Esse fragmento direciona-se ao consumismo, fator que impulsiona a economia, mas também rege a vida das pessoas na sociedade líquido-moderna (BAUMAN, 2001), manifestando-se nos “novos discursos” em que as necessidades são constantemente renovadas para em uma cadeia infinita de desejos de compra. Fairclough (2006), remetendo à globalização afirma que o discurso é uma das suas facetas, afirmando também que por muitas vezes ele se manifesta de forma híbrida, ao combinar, discursos, gêneros e estilos. No caso da cartilha, percebe-se a manifestação do discurso do consumo, associado ao governamental e ao da sustentabilidade. No caso de uma publicidade, essa mescla discursiva e genérica ocorre por meio de apelos que uma marca pode se valer para vender um produto, sendo esses mais facilmente assimilados pelo público infantil. As publicidades infantis têm um estilo característico de retratar cenários que se afinem com o de uma família “perfeita”, dias ensolarados, cores suaves e muita brincadeira. Logo, nesse ambiente “perfeito” é mais fácil trazer de forma “opaca” o discurso do consumo que resulta na felicidade ofertada. No discurso (Fragmento 4), a palavra **lista** retoma os itens referentes ao consumismo, em **lista pode ser infinita**, há um grau de

possibilidade e probabilidade da infinitude da lista, tendo em vista justamente o tipo de sociedade globalizada e consumista, na qual a dimensão do ato de consumir é inesgotável.

### Fragmento 5

Esses dados retratam uma realidade que **precisa** ser repensada. A criança **não deve** ser alvo do mercado nem iniciada no mundo do consumo sem que seja educada para isso. Antes de conhecer marcas e produtos, a criança **precisa** ser preparada para ser *cidadã*, além de **consumidora** consciente e responsável.

Existem questionamentos hoje quanto à relação (cidadão x consumidor), Kress (2010) sugere que a sociedade globalizada produz não mais cidadãos, mas consumidores, visto que estes têm poder de escolha, aqueles não. O MMA indica o contrário, crianças serem cidadãs, antes de consumistas, porém é um caminho que exige uma mudança de valores que estão incutidos nas negociações familiares pós-modernas em que o ter já sobressai ao ser. Em a criança **não deve** ser alvo do mercado[...] retoma valores da conduta de como o agente deseja que os pais conduzam a educação do consumo dos filhos, considerando que os valores externos (mercado) estão influenciando nos internos (educação). A modalidade dá-se no nível da obrigação, com valor associado à necessidade (não + dever). Em a criança **precisa** ser preparada para ser cidadã, o processo **precisa** apresenta significados intercambiáveis (dever x precisar), conferindo um grau máximo de necessidade, portanto, modulação.

### Fragmento 6

A questão do consumismo infantil não se restringe apenas à esfera da família. Todos nós **temos o dever** de garantir às crianças bem-estar, saúde e educação, moradia, alimentação, cultura e lazer como determina o artigo 227 da Constituição Federal. Também todos nós **temos o direito** a viver em um meio ambiente ecologicamente equilibrado, de onde deriva o **dever**, de defendê-lo e preservá-lo para presentes e futuras gerações. São questões que passam, **necessariamente**, pela mudança de nosso comportamento de consumo.

Na sentença ‘Todos nós temos o dever de garantir[...]’, o produtor do texto emprega nós inclusivo e conclama todos a participarem em prol das crianças, bem como a forma nominalizada do verbo **dever** que não atenua o tom assertivo da proposição. Em “nós temos o direito a viver em um meio ambiente ecologicamente equilibrado”, estabelece-se a correlação entre o que a constituição determina que

seja o adequado às crianças ante a questão ambiental. O emprego da primeira pessoa caracteriza a participação do agente, MMA, de forma explícita no texto, embora tente envolver os demais participantes. Ainda ressaltamos a presença da nominalização ‘**o dever**’, no lugar da locução ‘deve defender’ ou ‘deve preservar’, e do advérbio modulador ‘**necessariamente**, enfatizando a obrigação de seguir o comportamento proposto, já que isso é assegurado também pela Constituição Federal. Assim, apesar de o verbo dever não estar explícito, a forma e a constituição do discurso conferem um grau de obrigatoriedade.

### Fragmento 7

Para tanto, cada um tem um papel fundamental. No que diz respeito à educação para o consumo sustentável:

Pais e responsáveis: **devem** dialogar com seus filhos e impor limites. Dizer “não” a cada pedido de consumo desnecessário **é muito importante** para que a criança aprenda a lidar com frustrações e entenda que suas ações podem ter impacto no coletivo. Também **é importante** dar exemplo e ensinar as crianças a fazer reflexões a cada novo pedido: preciso realmente comprar isso?”, “Já não tenho algo parecido que possa ser reaproveitado?”

Educadores e cuidadores **devem** aproveitar o convívio diário com as crianças para fortalecê-las e contribuir para a formação de agentes autônomos, criativos e críticos. Levar o debate sobre consumo e seus impactos para o ambiente escolar **é imprescindível** no processo de formação das crianças.

Empresas e organizações da sociedade **devem** agir com responsabilidade e ética, olhando para a infância como ela **deve** ser vista. Crianças **não devem** ser vistas como pequenos consumidores, porque elas não estão formadas para isso. Apelos ao consumo **devem** ser direcionados aos pais.

O Estado brasileiro **tem obrigação** de oferecer a seus cidadãos um ambiente minimamente regulado que proteja as crianças frente às relações de consumo.

Todos os agentes citados acima e personalizados são chamados a participar, em ordem decrescente, nomeados como pais e responsáveis, educadores e cuidadores, empresas e organizações e, por fim, o Estado. O MMA (governo) faz questão de enfatizar, por meio da modulação, como combater o consumismo infantil. Os participantes são convocados a agir no sentido de contribuir com as crianças, para isso, a cartilha, por meio de propostas (modalidade deontica), apresenta ações pontuais: **dialogar, aproveitar, agir e ver**. O verbo modulador dever enfatiza o grau de obrigatoriedade e por vezes mescla-se com o de inclinação, porém expressões como “é importante” e “é muito importante”, novamente, reforçam o grau da



necessidade de ação. Assim, ao se referir aos educadores e cuidadores, emprega também a expressão moduladora “é imprescindível”.

### Fragmento 8

Cada um **precisa** cumprir suas responsabilidades para a formação de crianças mais saudáveis, felizes e atentas à sustentabilidade.

A cartilha finaliza remetendo ao todos os participantes (cada um, forma genérica) e novamente chama atenção: cada um precisa cumprir suas responsabilidades, ou seja, todos os citados devem agir ainda acrescenta a expressão- minimamente regulado. Os verbos **precisa + cumprir** conferem à proposta um grau máximo de engajamento ou anseio de que os participantes já nomeados ajam de forma responsável para que suas crianças sejam felizes e sustentáveis.

### Fragmento 9

Como você **pode** falar com crianças sobre consumo?

Essa é uma pergunta recorrente de pais, cuidadores e educadores. O que **é preciso** ter em mente é que, desde que nascem, as crianças são impactadas de alguma maneira pelo ambiente, pelas pessoas e pelos valores a sua volta. Por isso **é tão importante** oferecer-lhes condições para que cresçam de forma saudável e sejam educadas com base em valores e princípios éticos que as ajude a agir com mais responsabilidade e cidadania na vida adulta.

Por isso, apresentamos um conteúdo **especialmente** desenvolvido para você instigar crianças de 9 a 10 anos a pensar em alternativas ao consumo exacerbado. Esse material **deve ser** utilizado com mediação de um adulto, com atenção à faixa etária indicada.

Nesse estágio, como forma de fechamento do gênero, a chamada inicial materializa a proposição como oferta: **Como você pode falar com crianças sobre o consumo?** Por meio da modalização, no nível de trocas de informações, a cartilha (voz governamental) mune de informações o interlocutor sobre o tema consumo. **Você** relaciona-se ao participante externo ao texto, mas pode ter um papel ativo na questão e traz um traço de aproximação entre os participantes. A união de como + você sugere uma conduta normativa, pois o conector **como**, ao introduzir uma pergunta – cuja função primária seria solicitar uma informação – está direcionando o leitor a posicionar-se como alguém que segue instruções. Na sequência do discurso, as expressões - é preciso ter em mente[...] é tão importante oferecer-lhes[...] sinalizam o tom explícito da obrigação do interlocutor, uma vez que

enfatizam a necessidade dos pais, cuidadores e educadores serem responsáveis e participativos quanto ao assunto. No último parágrafo, o advérbio ‘especialmente’ destaca o papel social da cartilha, criada pensando no ator (você). No trecho “Esse material deve ser utilizado com mediação de um adulto [...]”, a proposta insere-se também no eixo da necessidade, pois precisa da intervenção de um adulto.

Embora a cartilha seja um gênero com o propósito social de instruir, o emprego reiterado de verbos como dever, indica um grau significativo de obrigatoriedade, por meio de modulação, evidencia a voz da autoridade está presente ao longo do discurso, como nos mostra o Quadro 4.

<b>Sistema de Modalidades</b>	Graus de modalidade	Escala entre o positivo e negativo	Número total de ocorrências modalidades – 24
<b>MODALIZAÇÃO</b>  Modalidade epistêmica	Probabilidade	Certo	0
		Provável	0
		Possível	2
	Usualidade	Sempre	1
		Usualmente	0
		Às vezes	0
<b>MODULAÇÃO</b> – Modalidade deôntica	Obrigaçã	Necessário	18
		Aceitável	0
		Permitido	0
	Inclinação	Determinado	0
		Desejoso	4
		Inclinado	1

**Quadro 4 - Modalidades apresentadas na cartilha**

Pelo quadro, podemos perceber o emprego significativo no *corpus* da modulação ou modalidade deôntica, por meio da obrigação e da necessidade. Por mais que o discurso tente por vezes dissimular a voz governamental, tais marcas linguístico-discursivas revelam o comprometimento do produtor do texto com o conteúdo do que apresenta. A forma como discurso é construído confere um tom de obrigatoriedade que somente reforça o poder institucional, ou seja, governo como regulador ou ator que expõe o que o cidadão precisa fazer e como. O compromisso do falante, os graus nos quais se compromete com a validade do que ele está dizendo, tem implicações em diferentes áreas de análise de textos, por exemplo, no caso de um artigo acadêmico (THOMPSON, 2004, p.69), em que o julgamento tem que ser mais cuidadoso, oscilando entre a certeza e a dúvida; no caso de um

conselho, há também a necessidade de cuidado para não pressionar a outra pessoa.

### **Considerações**

As propostas do MMA, em linhas gerais, são válidas, pois apresentam um propósito não explícito de aliar práticas educativas de saúde e de meio ambiente, visto que ambas estão interligadas. Pesquisas atuais sugerem que uso insustentável do meio ambiente, por meio do desperdício e do exagero no consumo, pode gerar danos irreversíveis ao planeta e, por consequência, aos seus habitantes.

Nessa temática, explorar a responsabilidade modal, subjetividade ou objetividade das sentenças, é fascinante, porque falantes e escritores recorrem a vários métodos para mascarar suas responsabilidades e apresentar seus pontos de vista de forma objetiva, por inúmeras razões (THOMPSON, 2004, p.72-73). Ainda, para o autor, qualquer modalidade é um sinal de que, de alguma forma, alguém está expressando uma visão pessoal a respeito de um fato objetivo.

A análise revelou que as relações interpessoais são construídas no texto entre os participantes por meio das modalidades que, no caso da análise, demandam do interlocutor uma dada ação. Muitas dessas propostas apelam para a consciência dos participantes quando se relacionam à educação de crianças e ao tipo de planeta que se espera ter daqui a algum tempo. É sabido que as modalidades temperam o discurso, conduzem posicionamentos em relação ao outro, mas, por se tratar do próprio governo, um tom mais informativo do que impositivo poderia ser mais eficaz ao tratar um assunto. A prevalência da modulação, processo **dever**, demonstra que a real intenção dos produtores é de normatizar condutas da população. Notadamente, o aporte da cartilha com a finalidade de explorar uma vida a caminho da sustentabilidade é pertinente, porém além de um tom assertivo das propostas seria pertinente que se buscasse outros modos discursivos, como os multimodais que poderiam ilustrar o que se almeja transmitir sem necessariamente utilizar propostas deônticas. Assim, em um diálogo entre o texto verbal e visual as informações poderiam ser repassadas e assimiladas por quem realmente necessita mudar suas práticas de consumo em prol de um mundo mais saudável para todos. Consideramos que as práticas de letramento multimodal são importantes em uma sociedade cada vez mais visual. As cartilhas têm um interesse educativo, mas

acreditamos que a educação possa estar disponibilizada em diferentes meios semióticos além do verbal e de suas nuances imperativas.

## Referências

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DIAS, R. **Marketing ambiental**. Ética, responsabilidade social e competitividade nos negócios. São Paulo: Atlas, 2011.

EGGINS, S. **An introduction to systemic functional linguistics**. 2.ed. New York: Continuum, 2004.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coord. da trad.: I. Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.

\_\_\_\_\_. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. Londres: Routledge, 2003.

FUZER, C.; CABRAL, S.R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. São Paulo: Mercado de Letras, 2014.

HALLIDAY, M.A.K. **Functional grammar**. 2.ed. New York: Routledge, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. and HASAN, R. **Cohesion in English**. Londres: Longman, 1976.

\_\_\_\_\_. **Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1985.

HALLIDAY, M.A.K; MATTHIESSEN, C.M.I.M. **An introduction to functional grammar**. 3.ed. London: Hodder Education, 2004.

KRESS, G. **Multimodality**. A social semiotic approach to contemporary communication. London: Routledge, 2010.

KOCH.I. G. V. **A argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1993.

\_\_\_\_\_. **As tramas do texto**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LEAL, A. **Dicionário de termos ambientais**. Rio de Janeiro: Letras e Magia, 2007.

MARTIN. J. **Genre and Language learning: a social semiotic perspective**. In: *Jornal Linguistic and Education*. Elsevier. Vol. 20, n.1, 2009. pp. 10-20. Disponível em: <www.sciencedirect.com>. Acesso em dez. 2011.

NEVES, M. H.M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_. **Texto e gramática**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

REBELO, N.M.S. **Análise do processo persuasivo no gênero editorial**. Dissertação de Mestrado. UFSM: Santa Maria, RS, 1999.

SOARES, N. M. M. **Discurso verde**: reposicionamento discursivo das marcas. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília: Brasília, 2013.

THOMPSON, G. **Introduction to functional grammar**. London: Arnold, 2004.

**Fonte dos dados:**

CADERNO de Consumo Sustentável- Criança. **Consumismo infantil- na contração da sustentabilidade**. Disponível em:

<<http://www.mma.gov.br/publicacoes/responsabilidade-socioambiental/producao-e-consumo-sustentaveis>>. Acesso em: 12/12/12.

Recebido em 23 de fevereiro de 2016

Aceito em 04 de maio de 2016